



## Se questo è un uomo - atualidade de Primo Levi

Se questo è un uomo – Primo Levi's topicality

**Saul Kirschbaum\***

São Paulo, Brasil

saul.kirschbaum@gmail.com

**Resumo:** *Se questo è un uomo*, obra publicada pelo judeu-italiano Primo Levi em 1947, é um dos pilares da literatura de testemunho da *Shoah*. Nesta obra precursora, Levi não apenas detecta diversos dos temas básicos relativos à barbárie nazista e seu regime de terror, mas, ultrapassando esta etapa, o autor oferece uma cuidadosa reflexão sobre a experiência vivida nos Campos de extermínio, realizando um verdadeiro mergulho nos aspectos mais nefastos da alma humana; na sequência, o autor publicou diversas outras obras com a temática do nazismo; em vista dessas características, o conjunto da obra de Levi permanece plenamente atual, indispensável para a compreensão dos difíceis tempos que estamos vivendo. Neste artigo, procuramos identificar e elaborar alguns desses temas, que vieram a ser retomados e aprofundados por outros destacados sobreviventes dos campos de extermínio.

**Palavras-chave:** Primo Levi. Nazismo. Literatura de testemunho.

**Abstract:** *Se questo è un uomo*, a work published by Primo Levi in 1947, is one of the pillars of *Shoah* testimonial literature. In this pioneering work, Levi not only detects several of the basic themes related to Nazi barbarism and its regime of terror, but, going beyond this stage, the author offers a careful reflection on the lived experience in the extermination camps, making a real immersion into the most nefarious aspects of the human soul; subsequently, the author published several other works with the theme of Nazism; in view of these characteristics, the body of Levi's work remains fully current, indispensable for understanding the difficult times we are living in. In this article, we seek to identify and elaborate on some of these themes, which came to be taken up and deepened by other prominent survivors of the extermination camps.

**Keywords:** Primo Levi. Nazism. Testimonial literature.

*É um homem quem mata, é um homem quem comete ou suporta injustiças; não é um homem quem, perdida já toda reserva, compartilha a cama*

---

\* Doutor em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo.



*com um cadáver. Quem esperou que seu vizinho acabasse de morrer para tirar-lhe um pedaço de pão, está mais longe (embora sem culpa) do modelo do homem pensante do que o pigmeu mais primitivo ou o sádico mais atroz.*

(Primo Levi)

*Se questo è un uomo*, obra fundante da literatura de testemunho da Shoá, teve um início de carreira difícil. Escrita entre dezembro de 1945 e janeiro de 1947, sua publicação foi submetida e rejeitada duas vezes pela importante editora italiana Giulio Einaudi: no mesmo ano de 1947 por ninguém menos do que por Natalia Guinzburg - então consultora da editora e que se encarregou de transmitir a decisão a Levi - e também por Cesare Pavese, e mais uma vez em 1952, após a morte de Pavese.

Não restou ao autor, então, outra alternativa senão procurar uma pequena editora, a Francesco de Silva, que lançou a obra em 1947, em tiragem de apenas 2.500 exemplares. O título escolhido por Primo Levi, *I sommersi e i salvati*, foi substituído, por decisão da editora, pelo tão conhecido *Se questo è un uomo*, lançado no Brasil pela Rocco em 1988 como *É isto um homem?*. O título original, no entanto, foi preservado pelo autor e veio a ser utilizado em sua última obra, publicada em 1986,<sup>1</sup> pouco antes de sua morte em 1987, obra na qual Levi retorna ao tema do campo de extermínio nazista, aprofundando as reflexões de sua obra de estreia.

O novo título, tão conhecido, foi retirado do poema introdutório da obra, poema esse inspirado na oração do *Shemah*<sup>2</sup>:

pensem bem se isto é um homem  
que trabalha no meio do barro,  
que não conhece paz,  
que luta por um pedaço de pão,  
que morre por um sim ou por um não.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> No Brasil, *Os afogados e os sobreviventes*, Paz e Terra, 1990.

<sup>2</sup> O *Shemah* é a peça central dos serviços diários de oração da manhã e da noite e é considerado por alguns a oração mais essencial em todo o judaísmo. Uma afirmação da singularidade e realeza de Deus, sua recitação diária é considerada pelos judeus tradicionalmente praticantes como um mandamento bíblico. Fonte: <https://www.myjewishlearning.com/article/the-shema/>. Disponível em: 19 março 2022, tradução minha.

<sup>3</sup> LEVI, 1988, p. 9.



*Se questo è un uomo* somente veio a obter o merecido sucesso em 1958, quando por fim foi acolhida pela Einaudi, que a publicou com uma apresentação não assinada de autoria de Italo Calvino. Subsequentemente, em 1964 foi produzida pelo próprio autor uma versão radiofônica, à qual se seguiu em 1966 uma versão teatral.

Contrariando a avaliação negativa de Pavese, para quem já tinham sido publicados muitos livros sobre os campos de concentração, a obra ultrapassa em muito o simples registro de fatos ocorridos nos campos em que Levi esteve internado, constituindo-se em profunda reflexão, até hoje necessária, sobre a natureza humana, sobre o contexto civilizatório que possibilitou o surgimento do nazismo e de seus campos de extermínio. Ou seja, uma cuidadosa elaboração da experiência vivida. O texto foi escrito não para apresentar acusações contra os culpados, mas como testemunho de um acontecimento histórico e trágico. Já no “Prefácio” o autor registra uma observação que, em nosso entender, confere a *Se questo è un uomo* sua permanente atualidade, atualidade que seria plenamente confirmada em sua obra posterior:

Este meu livro, portanto, nada acrescenta, quanto a detalhes atroz, ao que já é bem conhecido dos leitores de todo o mundo com referência ao tema doloroso dos campos de extermínio. Ele não foi escrito para fazer novas denúncias; poderá, antes, fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana.<sup>4</sup>

Neste artigo, procuramos pôr em evidência alguns dos temas abordados por Primo Levi em *Se questo è un uomo*, temas cuja importância já fora percebida pelo autor não obstante a obra ter sido composta no calor dos acontecimentos, logo depois de sua libertação dos campos, e de tamanha relevância ainda agora, quando buscamos entender a natureza dos regimes totalitários e a ameaça que continuam a representar.

## 1 A barbárie

Analisando o fenômeno do mal desde um ponto de vista psicanalítico, Nathalie Zalzman observa que

Quand une civilisation se décompose sous l’effet d’un coup de force, externe et interne, il est fâcheusement approximatif de se contenter d’annoncer qu’elle retourne à la barbarie. Elle fait autre

---

<sup>4</sup> LEVI, 1988, p. 7.



chose. Elle instaure une organization sociale nouvelle: une horde, mais sans père; un clan totémique, mais sans tabou; la mise en acte d'une haine mais sans ambivalence.<sup>5</sup>

Desse ponto de vista, a Alemanha nazista foi muito além de retornar para a barbárie. Poderíamos dizer que o regime nacional-socialista “avançou” para uma nova forma de barbárie, da qual faz parte a incorporação de todos os recursos conquistados pela tecnologia, de seu integral poder de destruição.

Uma primeira resultante da constatação de Primo Levi - que ainda hoje pode causar espanto e mal-estar – é que o nazismo não é “consequência do ódio que o mundo tem dos judeus”; que sua ascensão não é o resultado da tomada do poder por um bando de loucos, que a barbárie, enfim, não é uma característica exclusiva do povo alemão, nem das extremas direitas, nem dos nazistas em geral, nem tampouco das SS em particular. Em vista disso, Levi veio a formular o importante conceito de “zona cinzenta”, título de um dos capítulos de *Os afogados e os sobreviventes*: não existem somente branco e preto; ninguém é absolutamente vítima; se puder, a vítima se transforma em opressor, na medida do que lhe for possível, se isso resultar em alívio da opressão à qual ela mesma é submetida.

E mais: a barbárie se manifesta de diversas formas. Nada impede que um negro seja homofóbico, que um judeu seja xenófobo, que um homossexual seja racista. Como a barbárie é uma componente básica da alma humana, devemos tentar entender o opressor, não o oprimido. Se o oprimido puder provar que não é culpado da acusação que o opressor lança sobre ele, o opressor buscará outra acusação para continuar a excluir o oprimido, apenas deslocando o discurso de ódio.

Como indicou Hans Magnus Enzensberger em carta a Hannah Arendt de 24 de janeiro de 1965, “para mim o que há de pior nas transgressões alemãs não é o fato de os alemães as terem cometido, mas de elas terem sido simplesmente cometidas e de poderem ser cometidas outra vez”<sup>6</sup>. O que não implica em inocentar o povo alemão da responsabilidade por Auschwitz, em atribuir a culpa da catástrofe nazista “à humanidade”. Pois onde todos são culpados, ninguém o é. De fato, Enzensberger acrescenta: “os alemães, e apenas os alemães, são culpados por Auschwitz”.

---

<sup>5</sup> ZALZMAN, 2007, p. 20-21. “Quando uma civilização se desfaz sob o efeito de um golpe de força, externo e interno, é lamentavelmente aproximado contentar-se em afirmar que ela retorna à barbárie. Ela faz outra coisa. Estabelece uma nova organização social: uma horda, mas sem pai; um clã totêmico, mas sem tabus; a implantação de um ódio, mas sem ambivalência”. (tradução minha)

<sup>6</sup> ARENDT, 2021, p. 361.



Essa constatação também não implica em suprimir ou minimizar a especificidade judaica da catástrofe nazista. Ciganos, homossexuais, portadores de deficiências e outras minorias também foram exterminados, mas o ódio aos judeus foi constitutivo para a elaboração e a implementação da ideologia nazista, e o povo judeu foi a grande vítima de suas atrocidades, com cerca de seis milhões de assassinados, número que representa mais de um terço da população judaica de todo o mundo em 1939, imediatamente antes da *Shoah*<sup>7</sup>.

A barbárie seria, assim, para Primo Levi, o pior mas mesmo assim um dos dolorosos aspectos da alma humana, uma das múltiplas possibilidades – felizmente com muito baixa probabilidade de irrupção – de desdobramento da civilização. É o que se depreende desse trecho de *Se questo è un uomo*:

Aprendemos rapidamente que os hóspedes do campo dividem-se em três categorias: os criminosos, os políticos e os judeus. Todos vestem roupa listrada, todos são *Häftlinge*, mas os criminosos levam, ao lado do número, costurado no casaco, um triângulo verde [...]. Nossos verdadeiros patrões são os triângulos verdes, que podem fazer de nós o que querem, e, além deles, os das outras duas categorias que se prestem a secundá-los. E estes não são poucos.<sup>8</sup>

Note-se que Levi enfatiza que “não são poucos” os “das outras duas categorias que se prestem a secundá-los”, numa clara referência aos prisioneiros judeus. Em sua condição de aspecto da alma humana, nosso autor constata que a barbárie pode ser praticada também por prisioneiros judeus. O autor enfatiza que judeus prisioneiros também buscam e obtêm privilégios, alguns até são “proeminentes”, não obstante terem que fazer intrigas e lutar arduamente para conseguir essas funções; esses têm comportamento digno de nota, em diapasão negativo:

Os “proeminentes” judeus constituem um triste e notável fenômeno humano. Convergem neles os sofrimentos presentes, passados e atávicos e a hostilidade ao estrangeiro, assimilada por

---

<sup>7</sup> Segundo o site <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jewish-population-of-the-world> consultado em 10/03/2022, a população judaica total em 1939 era de 16.728.000 indivíduos. Restringindo-se somente à Europa, Lucy Dawidowich (1990, p. 480) reporta uma população judaica de 8.861.800 pessoas, das quais 5.933.900 foram aniquiladas, o que representa mais de dois terços do total.

<sup>8</sup> LEVI, 1988, p. 31.



tradição e educação, para fazerem deles monstros de insociabilidade e insensibilidade.<sup>9</sup>

Joseph Nichthausser, judeu-polonês sobrevivente da *Shoah* que depois de libertado emigrou para o Brasil e em 1976 publicou suas memórias em formato de livro, lembra da realidade dessa situação com um misto de nostalgia e raiva:

Alguns dos prisioneiros paravam, apoiando-se sobre as pás ou picaretas. Não por muito tempo. Os olhos vigilantes dos chefes de grupos só esperavam que alguém parasse para poder berrar alto, ameaçando a todos e distribuindo os pontapés à esquerda e à direita. Eram nojentos. Judeus como nós, prisioneiros também, colaborando com os alemães daquela maneira.<sup>10</sup>

Uma situação muito semelhante a essa é descrita em uma das memórias do próprio autor:

Mais uma vez, estamos ao pé da pilha. Micha e o Galiciano levantam um suporte e o colocam rudemente em nossos ombros. Sua tarefa é a menos cansativa; portanto, ostentam zelo a fim de conservá-la. Chamam os companheiros mais lentos, incitam, exortam, impõem ao trabalho um ritmo insustentável. Isso me revolta, mas bem sei que é conforme à regra: os privilegiados oprimem os não-privilegiados. Na base desta lei sustenta-se a estrutura social do Campo.<sup>11</sup>

O autor registra que, face ao vazio, o melhor é abster-se de refletir a respeito do abismo nos quais estão confinados; assim é que uma iniciativa de um grupo de prisioneiros que, aparentemente, seria muito salutar, acaba por ser abandonada:

Resolvêramos encontrar-nos, nós, italianos, cada domingo à noite, num canto do Campo, mas paramos logo com isso; era triste demais contar-nos, encontrar-nos cada vez em menor número, cada vez mais disformes, esqueléticos. E custava caminhar até lá, por perto que fosse; e, ainda, encontrando-nos, aconteceria lembrar, pensar... melhor não.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> LEVI, 1988, p. 92.

<sup>10</sup> NICHTHAUSER, [s.d.], p. 136.

<sup>11</sup> LEVI, 1988, p. 43.

<sup>12</sup> LEVI, 1988, p. 35.



Não obstante toda a desesperança, Levi afirma que é possível, quando não existem alternativas, adaptar-se às condições de vida impostas aos prisioneiros:

A capacidade humana de cavar-se uma toca, de criar uma casca, de erguer ao redor de si uma tênue barreira defensiva, ainda que em circunstâncias aparentemente desesperadas, é espantosa e mereceria um estudo profundo. Trata-se de um precioso trabalho de adaptação, parte passivo e inconsciente, parte ativo: cravar um prego no beliche para pendurar os sapatos, à noite; ajustar tácitos acordos de não-agressão com os vizinhos; intuir e aceitar os hábitos e leis peculiares do *Kommando* e do Bloco. Graças a esse trabalho, depois de umas semanas consegue-se alcançar certo equilíbrio, certo grau de segurança frente aos imprevistos; o ninho está feito, o trauma da mudança foi superado.<sup>13</sup>

Primo Levi observa que, para os funcionários do Campo, porém, tratava-se simplesmente de um emprego, uma rotina, sem sadismo, sem histeria, sem envolvimento emocional com a sorte dos detentos<sup>14</sup>; seu comportamento parecia ir na direção contrária às expectativas dos presos:

Tudo era silêncio, como num aquário e como em certas cenas de sonhos. Teríamos esperado algo mais apocalíptico, mas eles pareciam simples guardas. Isso deixava-nos desconcertados, desarmados. Alguém ousou perguntar pela bagagem; responderam: “Bagagem, depois”; outros não queriam separar-se da mulher; responderam: “Depois, de novo juntos”; muitas mães não queriam separar-se dos filhos; responderam: “Está bem, ficar com filho”. Sempre com a pacata segurança de quem apenas cumpre com sua tarefa diária; mas Renzo demorou um instante a mais ao se despedir de Francesca, sua noiva, e derrubaram-no com um único soco na cara. Essa também era a tarefa diária.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> LEVI, 1988, p. 56.

<sup>14</sup> Essa observação de Primo Levi remete e de certa forma antecipa a reflexão da pensadora Hannah Arendt, elaborada em *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, publicado em 1963.

<sup>15</sup> LEVI, 1988, p. 18.



A “normalidade” da barbárie veio, subsequentemente, a ser constatada e reafirmada por outros importantes pensadores. O narrador-protagonista de *Kadish por uma criança não nascida*, de Imre Kertész, por exemplo, confrontado com o comentário de alguém, de que não haveria explicação para Auschwitz, elabora a seguinte reflexão:

[...] não há explicação justamente para a não-existência de Auschwitz, por conseguinte, há tempos imemoráveis Auschwitz está dependurado no ar, quem sabe talvez já há séculos, assim como uma fruta escura, amadurecida pelos raios de inumeráveis crimes, que espera finalmente cair na cabeça das pessoas, por fim é o que é, e o que é é inevitável pois está aí: a história mundial é o quadro e a ação da razão.<sup>16</sup>

Na opinião de Kertész, então, Auschwitz está perfeitamente inserido no quadro da razão, e sua ocorrência concreta não deveria ser motivo de espanto.

Não obstante, Levi faz questão de sublinhar a ocorrência de atos anti-barbárie por parte de pessoas que, ao praticá-los, até mesmo colocavam em risco sua própria segurança<sup>17</sup>. É o caso do maquinista alemão que atendeu o pedido de um casal de judeus que queria dar um banho em sua filha:

Foi assim que morreu Emília, uma menina de três anos, já que aos alemães configurava-se evidente a necessidade histórica de mandar à morte as crianças judias. Emília, filha do engenheiro Aldo Levi de Milão, era uma criança curiosa, ambiciosa, alegre e inteligente. Durante a viagem, no vagão lotado, seus pais tinham conseguido dar-lhe um banho numa bacia de zinco, em água morna que o degenerado maquinista alemão consentira em tirar da locomotiva que nos arrastava para a morte.<sup>18</sup>

## 2 A necessidade de contar

Outro aspecto da vivência sob a opressão nazista que tem suscitado as mais amplas polêmicas diz respeito à questão de os sobreviventes contarem ou não contarem suas memórias do tempo passado nos campos. Contar ou não contar? Por que contar? Para

---

<sup>16</sup> KERTÉSZ, 1995, p. 42.

<sup>17</sup> O pensador búlgaro Tzvetan Todorov dedica ao tema um livro inteiro, *Em face do extremo*, publicado em 1994.

<sup>18</sup> LEVI, 1988, p. 18.



quem? Será que vão acreditar no que os sobreviventes contarem? Primo Levi em *Se questo è un uomo* já não ficou indiferente a essa questão. Para ele,

Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior.<sup>19</sup>

Para uma parcela dos sobreviventes, relatar não é possível, o custo psíquico de enfrentar o horror é insuportável. Para alguns daqueles que conseguem falar, a necessidade de contar dá conta de um impulso interno, nos termos de Primo Levi a liberação interior; para outros, ainda, é um imperativo ético pedagógico: é essencial que o mundo saiba o que aconteceu para que tudo isso não se repita. Essa postura é compartilhada pelo autor em afirmações como: “A história dos campos de extermínio deveria ser compreendida por todos como sinistro sinal de perigo”.<sup>20</sup>

De uma forma ou de outra, esta necessidade de contar, de tornar os outros participantes, não é, em Primo Levi, uma postura ingênua. Já no começo do “Prefácio” a *Os afogados e os sobreviventes* nosso autor explicita sua desconfiança quanto à credibilidade dos relatos dos sobreviventes:

Curiosamente, esse mesmo pensamento (“mesmo se contarmos, não nos acreditarão”) brotava, sob a forma de sonho noturno, do desespero dos prisioneiros. Quase todos os sobreviventes, oralmente ou em suas memórias escritas, recordam um sonho muitas vezes recorrente nas noites de confinamento, variado nos particulares mas único na substância: o de terem voltado para casa e contado com paixão e alívio seus sofrimentos passados, dirigindo-se a uma pessoa querida, e de não terem crédito ou mesmo nem serem escutados. Na forma mais típica (e mais cruel), o interlocutor se virava e ia embora silenciosamente.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> LEVI, 1988, p. 7-8.

<sup>20</sup> LEVI, 1988, p. 7.

<sup>21</sup> LEVI, 1990, p. 1.



Esta premonição de que os depoimentos poderiam não merecer a confiança dos ouvintes é compartilhada por outros sobreviventes da *Shoah*, até mesmo por ex-externos não-judeus, como o comunista espanhol Jorge Semprun, que publicou suas memórias da época em que esteve internado no livro *A escrita ou a vida* e recorda comentário de um colega imediatamente após a libertação: “O verdadeiro problema não é contar, quaisquer que sejam as dificuldades. É escutar... Vão querer escutar as nossas histórias, mesmo que sejam bem contadas?”<sup>22</sup>

De fato, o tema alcançou até mesmo o território da ficção: o narrador do conto “O profeta”, do judeu-polonês Samuel Rawet – que não passou pela catástrofe mas teve contato com sobreviventes que vieram para o Brasil -, informa, a respeito do protagonista que

Pensou em alterar um pouco aquela ordem e principiou a narrar o que havia negado antes. Mas agora não parecia interessar-lhes. Por condescendência (não compreendiam o que de sacrifício isso representava para ele) ouviram-no das primeiras vezes e não faltaram lágrimas nos olhos das mulheres. Depois, notou-lhes aborrecimento, enfado, pensou descobrir censuras em alguns olhares e adivinhou frases como estas: “Que quer com tudo isso? Por que nos atormenta com coisas que não nos dizem respeito?” Havia rugas de remorso quando recordavam alguém que lhes dizia respeito, sim. Mas eram rápidas. Sumiam como um vinco em boneco de borracha. Não tardou que as manifestações se tornassem abertas, se bem que mascaradas.

- O senhor sofre com isso, Por que insiste tanto?<sup>23</sup>

Primo Levi registra um sonho muito semelhante:

Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-lo porque é mais forte que eu. Conto também a história de nossa fome, e do controle dos piolhos, e do *Kapo* que me deu um soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta

---

<sup>22</sup> SEMPRUN, 1995, p. 125.

<sup>23</sup> RAWET, 2004, p. 28.



coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio.<sup>24</sup>

e pouco mais adiante se pergunta: “Por que o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente, em nossos sonhos, na cena sempre repetida da narração que os outros não escutam?”<sup>25</sup>

A questão do sonho merece grande destaque da parte de Levi. Não só muitos prisioneiros sonham: seus sonhos são semelhantes e recorrentes:

O sonho está na minha frente, ainda quentinho; eu, embora desperto, continuo, dentro, com essa angústia do sonho; lembro, então, que não é um sonho qualquer, que, desde que vivo aqui, já o sonhei muitas vezes, com pequenas variantes de ambiente e detalhes. Agora estou bem lúcido, recordo também que já contei o meu sonho a Alberto e que ele me confessou que esse é também o sonho dele e o sonho de muitos mais; talvez de todos. Por quê? Por que o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente, em nossos sonhos, na cena sempre repetida da narração que os outros não escutam?<sup>26</sup>

### 3 Insuficiência da linguagem

Primo Levi percebeu que o processo de desumanização a que os internos eram submetidos era de tal ordem que sua descrição ultrapassava a capacidade comunicativa da linguagem:

Ao terminar, cada qual fica em seu canto, sem ousar levantar o olhar para os demais. Não há espelhos, mas a nossa imagem está aí na nossa frente, refletida em cem rostos pálidos, em cem bonecos sórdidos e miseráveis. Estamos transformados em fantasmas, como os que vimos ontem à noite.

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade

---

<sup>24</sup> LEVI, 1988, p. 60.

<sup>25</sup> LEVI, 1988, p. 60.

<sup>26</sup> LEVI, 1988, p. 60.



nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos.<sup>27</sup> (LEVI, 1988 p. 24-25)

A primeira providência nazista, no momento mesmo da internação, é a aniquilação moral de suas vítimas: o apagamento do nome dos prisioneiros, nome que é o último bastião da dignidade humana. Sua redução a um número. A condenação ao anonimato. A negação do rosto da vítima. O autor, por isso, epitomiza a condição de perda de identidade do prisioneiro na figura do “muçulmano”, último degrau do desamparo do ser humano submetido à barbárie:

Eles povoam minha memória com sua presença sem rosto, e se eu pudesse concentrar numa imagem todo o mal do nosso tempo, escolheria essa imagem que me é familiar: um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto, em cujo olhar, não se possa ler o menor pensamento.<sup>28</sup>

Levi suspeita, por isso, que a expressão “Campo de extermínio” tem duplo significado: seu objetivo é mais amplo do que o extermínio físico, biológico, dos prisioneiros, seu assassinato, mas, num sentido metafórico, visa a própria desumanização daqueles. Mais adiante, aprofunda a reflexão:

A explicação é repugnante, porém simples: neste lugar tudo é proibido, não por motivos inexplicáveis e sim porque o Campo foi criado para isso. Se quisermos viver aqui, teremos de aprendê-lo, bem e depressa.<sup>29</sup>

É claro que Levi não está pensando que alguém quereria *viver* no Campo; trata-se de fato de querer *sobreviver* no Campo; em princípio, isso só seria possível para quem abrisse mão de sua condição humana. O antídoto, então, é procurar a sobrevivência moral; esta procura deveria ser levada a pequenos detalhes como, por exemplo, lavar-

---

<sup>27</sup> LEVI, 1988, p. 24-25.

<sup>28</sup> LEVI, 1988, p. 92.

<sup>29</sup> LEVI, 1988, p. 27.



se; ainda que com água turva, ainda que sem qualquer benefício sanitário. Diz Primo Levi:

Neste lugar, lavar-se cada dia na água turva da pia imunda, bem pouco adianta quanto ao asseio e à saúde; é extremamente importante, porém, como sintoma de resídua vitalidade, e essencial como meio de sobrevivência moral.

[...]

Justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. [...] Portanto, devemos nos lavar, sim; ainda que sem sabão, com essa água suja e usando o casaco como toalha. Devemos engraxar os sapatos, não porque assim reza o regulamento, e sim por dignidade e alinhamento. Devemos marchar eretos, sem arrastar os pés, não em homenagem à disciplina prussiana, e sim para continuarmos vivos, para não começarmos a morrer.<sup>30</sup>

A insuficiência da linguagem é resultado também do fato de que em muitos aspectos as normas de vida “lá fora” são opostas às de dentro do Campo, o que resulta no esvaziamento de certas palavras, que ficam “velhas”, perdem ou até mesmo invertem seu sentido. É o caso, por exemplo, de “bem” e “mal”, de “certo” e “errado”:

Em conclusão: o roubo na fábrica, punido pelas autoridades civis, é autorizado e incentivado pelos SS; o roubo no Campo, severamente reprimido pelos SS, é considerado pelos civis como operação normal de troca; o roubo entre *Häftlinge*, em geral, é punido, mas a punição toca, com igual gravidade, tanto ao ladrão como à vítima. Desejaríamos, agora, convidar o leitor a meditar sobre o significado que podiam ter para nós, dentro do Campo, as velhas palavras “bem” e “mal”, “certo” e “errado”. Que cada qual julgue, na base do quadro que retratamos e dos exemplos que relatamos, o quanto, de nosso mundo moral comum, poderia subsistir aquém dos arames farpados.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> LEVI, 1988, p. 38-39.

<sup>31</sup> LEVI, 1988, p. 87.



A “lei” do Campo acaba por se sobrepôr a qualquer prurido ético, a quaisquer noções de certo e errado, alcançando também o autor, como ele mesmo reporta em relação à questão do roubo:

Aprendi a não deixar que me roubem; aliás, se vejo por aí uma colher, um barbante, um botão dos quais consiga tomar posse sem risco de punição, embolso-os, considero-os meus, de pleno direito.<sup>32</sup>

A relativização dos valores éticos nos Campos foi destacada também, entre outros, pela pensadora judia-austriaca Ruth Klüger em sua autobiografia. A um comentário de um acadêmico alemão, que achava impróprio um ex-prisioneiro de Auschwitz xingar árabes, acusando-os de serem todos “gente ruim”, a autora contrapôs: “o que é que esperavam, afinal, Auschwitz não fora um estabelecimento de ensino, lá não se ensinava nada, muito menos humanidade e tolerância. Nada de bom viera dos campos de concentração”.<sup>33</sup>

## Conclusão

Dada a natureza da alma humana, o conhecimento do que se passou em Auschwitz poderia estimular sua repetição? Com esse temor em vista, Levi chega a pensar que seria bom que ninguém sobrevivesse: “Ninguém deve sair daqui; poderia levar ao mundo, junto com a marca gravada na carne, a má nova daquilo que em Auschwitz, o homem chegou a fazer do homem”<sup>34</sup>; rapidamente, no entanto, o autor entende que é sim necessário falar de Auschwitz, que temos muito o que aprender; o trecho a seguir abre justamente o capítulo “Os submersos e os salvos”:

Essa, então, é a vida ambígua do Campo. Desse modo brutal, oprimidos até o fundo, viveram muitos homens do nosso tempo; todos, porém, durante um período relativamente curto. Poderíamos, então, perguntar-nos se vale mesmo a pena, se convém que de tal situação humana reste alguma memória. A essa pergunta, tenho a convicção de poder responder que sim. Estamos convencidos de que nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo, de que todas merecem ser analisadas; de que se podem extrair valores fundamentais (ainda que nem sempre

---

<sup>32</sup> LEVI, 1988, p. 35.

<sup>33</sup> KLÜGER, 2005, p. 67-68.

<sup>34</sup> LEVI, 1988, p. 55.



positivos) desse mundo particular que estamos descrevendo. Desejaríamos chamar a atenção sobre o fato de que o Campo foi também (e marcadamente) uma notável experiência biológica e social.<sup>35</sup>

Em tempos sombrios como os que estamos enfrentando, tempos nos quais em tantos países governos de direita têm assumido o poder, que em tantos países a extrema-direita vem se fortalecendo, que manifestações neo-nazistas se sucedem e se institucionalizam, que os refugiados se contam aos milhões, as reflexões de Primo Levi mostram, passadas oito décadas, sua premente atualidade: urge extrairmos de seu relato os valores fundamentais para entendermos o mundo em que estamos vivendo, nós, hoje, e agirmos de forma apropriada, de forma a evitar que Auschwitz se repita.

Não obstante Auschwitz ter acontecido precisamente na Alemanha, e a “Solução Final” ter sido precisamente a “Solução Final do Problema Judaico”, o fato preocupante é que Auschwitz pode acontecer de novo, na Alemanha ou em outra parte, e que a “Solução Final” possa ser a “Solução Final” dos membros de outra etnia ou grupo populacional, votados ao extermínio sem “culpas” individuais, mas simplesmente por pertencerem ao grupo populacional condenado à exclusão; serem, enfim, “parte do Problema”.

Essas possibilidades podem ser antevistas nas tantas crises que afligem refugiados, na forma como povos originários e afrodescendentes têm sido oprimidos, na propaganda aberta e muitas vezes oficial do nazismo, no retorno de guerras imperialistas.

Procurei, neste texto, destacar o pioneirismo de Primo Levi, já em sua primeira obra publicada, obra na qual elencou temas fundacionais que até hoje são debatidos e desenvolvidos por quantos se preocupam com a ameaçadoramente possível recrudescência da barbárie.

## Referências

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDDT, Hannah. *Pensar sem corrimão: compreender 1953-1975*. Tradução de Beatriz Andreiuroso, org. Jerome Kohn. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

---

<sup>35</sup> LEVI, 1988, p. 88.



DAWIDOWICZ, Lucy. *The war against the Jews 1933-1945*. Londres: Penguin Books, 1990.

KERTÉSZ, Imre. *Kadish por uma criança não nascida*. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Editora 34, 2005.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

NICHTHAUSER, Joseph. *Quero viver... memórias de um ex-morto*. São Paulo: Ricla, [s.d.].

RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Organização de André Seffrin. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SEMPRUN, Jorge. *A escrita ou a vida*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Tradução de Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

ZALTZMAN, Nathalie. *L'esprit du mal*. Paris: Édition de L'Olivier, 2007.

-----  
Recebido em: 28/03/2022.

Aprovado em: 01/04/2022.